

Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos.

Por Abel VIANA.

José FORMOSINHO.

O. da VEIGA FERREIRA.

Reunidos durante vários anos, mercê dos esforços de seu Director, que os obteve de ofertas, ou em resultado de pesquisas suas, possui o Museu Regional de Lagos numerosos objectos de certo interesse, cuja divulgação não será inútil, visto que, além de valerem como elementos de comparação, certos há que constituem peças pouco vulgares. Demais, todos eles caracterizam a arqueologia do Algarve, em especial a da região do *Sacrum Promunturium*.

Nestes ligeiros apontamentos trataremos apenas dos da I.^a Idade do Bronze, com exclusão dos espólios obtidos nas necrópoles das Caldas de Monchique, porquanto destes tratamos em notícias já publicadas ou em vias de publicação (1). Dos materiais romanos do

(1) De JOSE FORMOSINHO, *Duas lápides inéditas*, in *Costa d'Oiro, Lagos, 1935; Igreja de Santo Anónio e Museu Regional de Lagos, 1939; Vestígios dos Romanos nas Caldas de Monchique*, in *Comunicações do I Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia*, Lisboa, 1947; *Guia de Lagos*". 1945. De ABEL VIANA e J. FORMOSINHO, *Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique*, in *Ethnos*, II, 369 a 389. Lisboa, 1942. De OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA, *Estação pré-histórica do Buço Preto ou Esgaravata-douro*, in *Rev. do Sind. dos engos. Aux., Ag. Tecn. de Eng.ª e Conductores*, nº 3, Lisboa, 1946. De O. DA V. FERREIRA e J. FORMOSINHO, *As estações da Idade do*

Monte Molião, demos na *Revista de Guimarães* relação suficiente (2). De outros pontos da província algarvia falaremos em notas subsequentes.

ALCALAR

Foi esta estação, como é sabido, descoberta em 1880, pelo Padre António José Nunes da Glória, que à sua custa explorou o monumento n.º 1. Dois anos depois, Estácio da Veiga encarrega-o da restante exploração e, ocupando-se dela, em especial, no vol. III das suas *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, tornou-a mundialmente conhecida.

Conforme da própria obra de Estácio ressalta, esta foi a mais importante das estações por ele estudadas e, graças, sem dúvida, à intuição e cuidado do seu precioso colaborador, o P. Nunes da Glória, pároco da freguesia da Mexilhoeira Grande, a mais perfeitamente explorada, dentro, claro está, dos recursos e da técnica daquela época.

Diga-se, de passo, que Estácio da Veiga preferiu dar ao local o nome de Alcalá, embora no região seja mais geralmente usado o de Alcalar.

Nos meados de Janeiro de 1933, pouco mais de dois anos após uma visita de Adolf Schulten, foi José Formosinho incumbido, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, de inspecionar o sítio e computar o dispêndio que importaria a limpeza dos túmulos, principalmente dos que nas *Antiguidades Monumentaes* são designados sob os números 1, 3, 4 e 7, os mais típicos. Os números 2, 5 e 6 estavam então cobertos de terra, com sementeira por cima, verificando-se, depois, que os dois últimos haviam sido completamente destruídos.

Bronze, Visigótica e Romana da Alcaria. Caldas de Monchique, in *Rev. do Sind. dos Engenheiros Aux.*, etc., n.º 23, Lisboa, 1948. De A. VIANA, J. FORMOSINHO e O. DA V. FERREIRA, *O conjunto visigótico da Alcaria*, idem, n.º 33-34 (1949); *Duas raridades arqueológicas*, idem, n.º 24 (1948); *Necrópolis de las Caldas de Monchique*, in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 27, págs. 291-232, Madrid, 1950; *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe*, in *Crónica del I Congreso Nac. de Arq. y V Cong. del Sudeste*, Cartagena, 1950; *Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião*, in *Revista de Guimarães*, vol. LXII, Guimarães, 1952. Em publicação: *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique; O capacete céltico do Museu Regional de Lagos; Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Campanha de 1949*. Comunicações apresentadas ao XIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950.

(2) Vol. LXII, n.º 1-2, Guimarães, 1952.

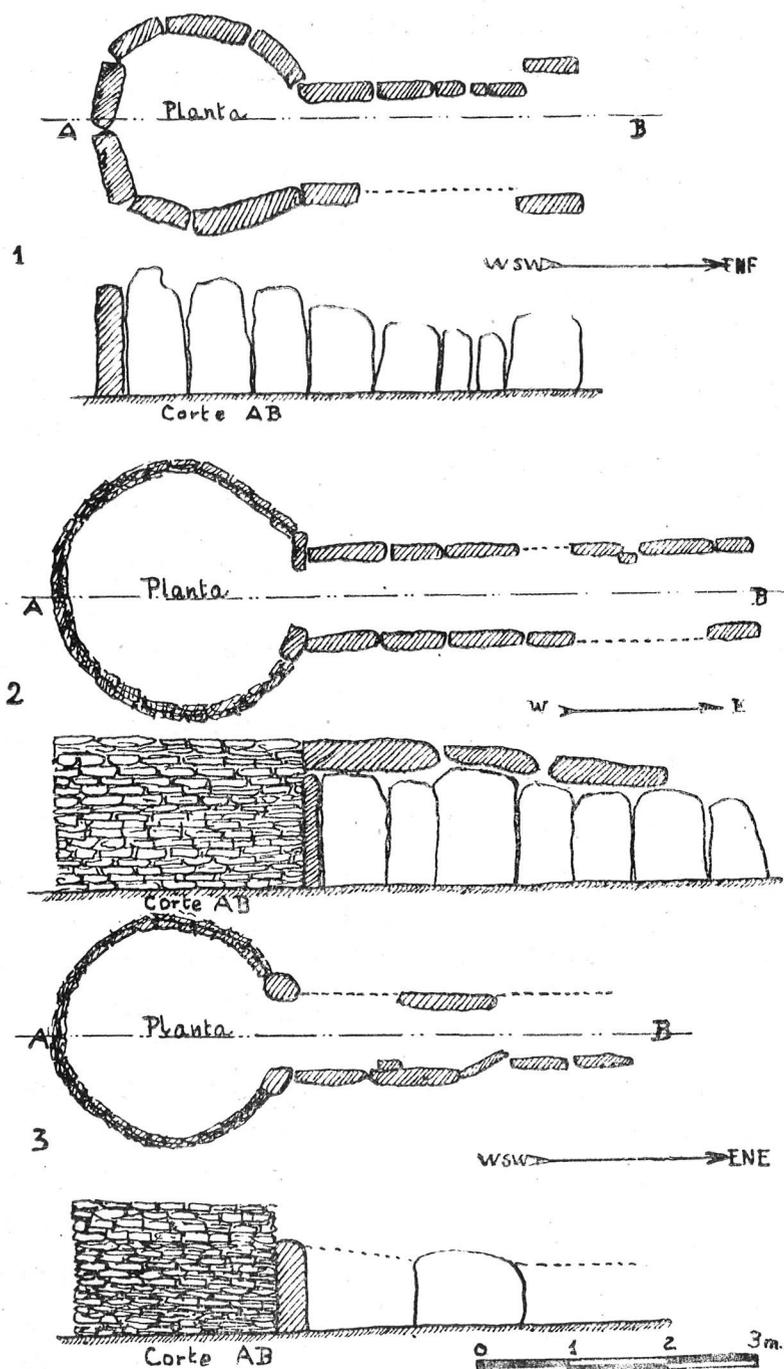


Fig. 1. — Alcalar: 1, Túmulo nº 8. — 2, Túmulo nº 9, no Vidigal Velho, a 30 ms. do “monte” de José das Valas. — 3, Túmulo nº 10, no Vidigal Velho, a 25 ms. do “monte” de Manuel Franco.

A limpeza efectuou-se em Agosto de 1933, dirigida por Formosinho, e teve de limitar-se aos túmulos 1, 3, 4 e 7. Enquanto se realizava este trabalho, descobriu Formosinho, perto dos monumentos já conhecidos, cinco não explorados, assim como um pequeno silo rebocado interiormente com uma camada de barro mal cozido,

de dois centímetros de espessura, sendo a cozedura produzida por meio de fogo ateado dentro do próprio silo.

Dos novos túmulos assinalados por Formosinho, foram por este explorados dois: um, ao qual, no seguimento da numeração de Estácio, pôs o número 8, está situado 12,5 m. a E. do "monte" de Manuel António dos Casais; o outro, que tomou o número 9, fica já no sítio denominado Vidigal Velho. Os três restantes achavam-se completamente destroçados, se bem que ainda permitissem verificar a sua forma (Fig. 1).

A arquitectura do número 8 é semelhante à do número 2 de Estácio da Veiga (Fig. 1). Consta de câmara circular e corredor comprido, na direcção de ENE. Próximo à entrada do corredor, achava-se atravessada uma grande laje, a qual terá pertencido à cobertura do mesmo, ou, possivelmente, serviria para o fechar. Pouco adiante da entrada, achavam-se uma urnazinha de barro e um fragmento de faca; no resto do corredor foram colhidos um gral de calcário, peça típica de Alcalar, e uma lâminazinha de oiro, com ornato, que deve ser fragmento de avultada joia, talvez de um diadema.

O interior da câmara parecia revolvido, pelo menos em parte.

Por motivo de força maior, teve Formosinho de suspender a escavação, até que, em Outubro de 1949, com os restantes signatários das presentes notas, conclui a exploração desta câmara. Recolheram-se, então: uma ponta de seta, de sílex, e um gral de calcário, completo; e acharam-se restos de dois esqueletos, um deles no limiar da câmara e o outro no lado esquerdo desta, rente aos esteios.

Deste mesmo sítio de Alcalar, obteve Formosinho um pequeno escopro e uma enxó, ambos de pedra pulida (Fig. 2, núms. 2 e 3).

O túmulo número 9, no Vidigal Velho, era de construção rudimentar. Achava-se muito desmantelado e completamente revolvido.

No decurso da limpeza dos monumentos estudados por Estácio da Veiga, que Formosinho dirigiu em 1933, verificou-se, como atrás se disse, terem sido destruídos os túmulos 5 e 6; por ocasião da nossa visita de 1949, os monumentos anteriormente limpos estavam outra vez mais ou menos entulhados, e alguns mesmo irreparavelmente desfeitos, pois não só os seus esteios mas também os muros de suporte construídos em 1933 para protecção e consolidação dos túmulos haviam sido reduzidos a brita e esta empregada na estrada da Senhora do Verde, recentemente construída.

Esta famosa estação arqueológica tem estado, e continua, no mais

lamentável abandono, apesar de classificada Monumento Nacional. Por tal caminhar, breve terá desaparecido.

Passamos à descrição dos objectos inéditos, provenientes de Alcalar:

Placazinha de ouro, muito delgada, com ornato repuxado. Deve ser fragmento de diadema. Comp., 0,045 m.; larg. máx., 0,024 m.; espes., 0,0005 m.; peso, 5 miligramas. (Est. II, nº 14; Fig. 3, nº 1).

Lâmina de sílex, à maneira de faca de secção triangular, sem retoque nos bordos. Representa somente uma das extremidades, e mesmo esta com a ponta mutilada. Comp., 0,054 m.; larg., 0,028 m.; espes., 0,0085. (Est. II, nº 16).

Ponta de seta, de sílex rosado. Base côncava, muito reintrante, quase angular. Alt., 0,0235 m.; largo. na base, 0,0175 m.; espes., 0,002 m. (Est. IV, nº 34, à direita).

Ponta de seta, de sílex cinzento. Alt., 0,0215 m.; larg., 0,0165 m.; espes., 0,002 m. (Est. IV, nº 34, à esquerda).

Ponta de seta, de sílex branco rosado. Base larga e côncava. Alt., 0,027 m.; larg., 0,020 m.; espes., 0,0045 m. (Est. II, nº 15).

Pequena lasca de sílex castanho escuro, com bolbo de percussão no reverso. Comp., 0,047 m.; larg. máx., 0,023 m.; espes., 0,009 m. (Est. V, nº 45).

Lasca de sílex, terminada em ponta, à maneira de buril. Retocada em toda a periferia, para servir de raspador e raspadeira. É um instrumento paleolítico. Comp., 0,046 m.; larg., 0,026 m.; espes., 0,010 m. (Est. V, nº 44).

Escopro duplo, de monchiquito. Comp., 0,026 m.; larg., 0,026 m.; espes., 0,021 (não figurado).

Gral de calcário branco. Alt., 0,0425 m.; diâm. máx., 0,073 m.; idem. na boca, 0,064 m. (Est. I, números 8 e 9).

Gral de calcário branco. Diâm. máx., 0,076 m.; alt., 0,046 m.; profundidade máxima da parte escavada, 0,023 m. O bordo tem muitas pequenas mutilações antigas. (Est. I, nº 7).

Urna esferoidal, de barro vermelho escuro e de fabrico grosseiro, provida de gola bastante pronunciada. Apresenta sinais de acção intensa do fogo. Alt., 0,085; diâm. na boca, 0,071 m.; id., no bojo, 0,085. (Est. II, nº 13).

Parte de uma urna esferoidal, de barro vermelho e fabrico muito grosseiro. Alt., 0,073 m.; espes. no bordo, 0,007 m.; id., no fundo, 0,015 m.

Parte de uma urna esferoidal, de barro vermelho. São quatro fragmentos ajustados, representando cerca de metade da vasilha. Espes. no bordo, 0,005 m.; id. no fundo, 0,010 m. (Est. I, números 4 e 6, à esquerda).

Brunidor de clorito-xisto, utilizado em quase toda a periferia. Comp., 0,0595 m.; larg., 0,0325 m.; espes., 0,015 m. (não figurado).

Fragmento de faca de sílex castanho claro. De fabrico grosseiro. Comp., 0,050 m.; larg. máx., 0,034 m.; espec., 0,0105 m. (Est. II, nº 18).

Nas estampas I e II damos alguns aspectos dos monumentos 7 e 8 de Alcalar:

1.—Túmulo nº 8, visto da entrada do corredor. A grande laje, no primeiro plano, taparia a entrada ou pertenceria à cobertura deste. O monumento está definido pela depressão que se nota ao centro da fotografia.

2.—O mesmo túmulo, visto do topo da câmara. Esta conforme se vê, era circular.

3.—Aspecto da câmara, vendo-se em seu lugar próprio alguns dos esteios, estes constituídos por lajes mais ou menos planas e de recorte rectangular.

10.—Pormenor da câmara: crânio e alguns ossos longos, aquele à entrada da câmara e estes já no corredor.

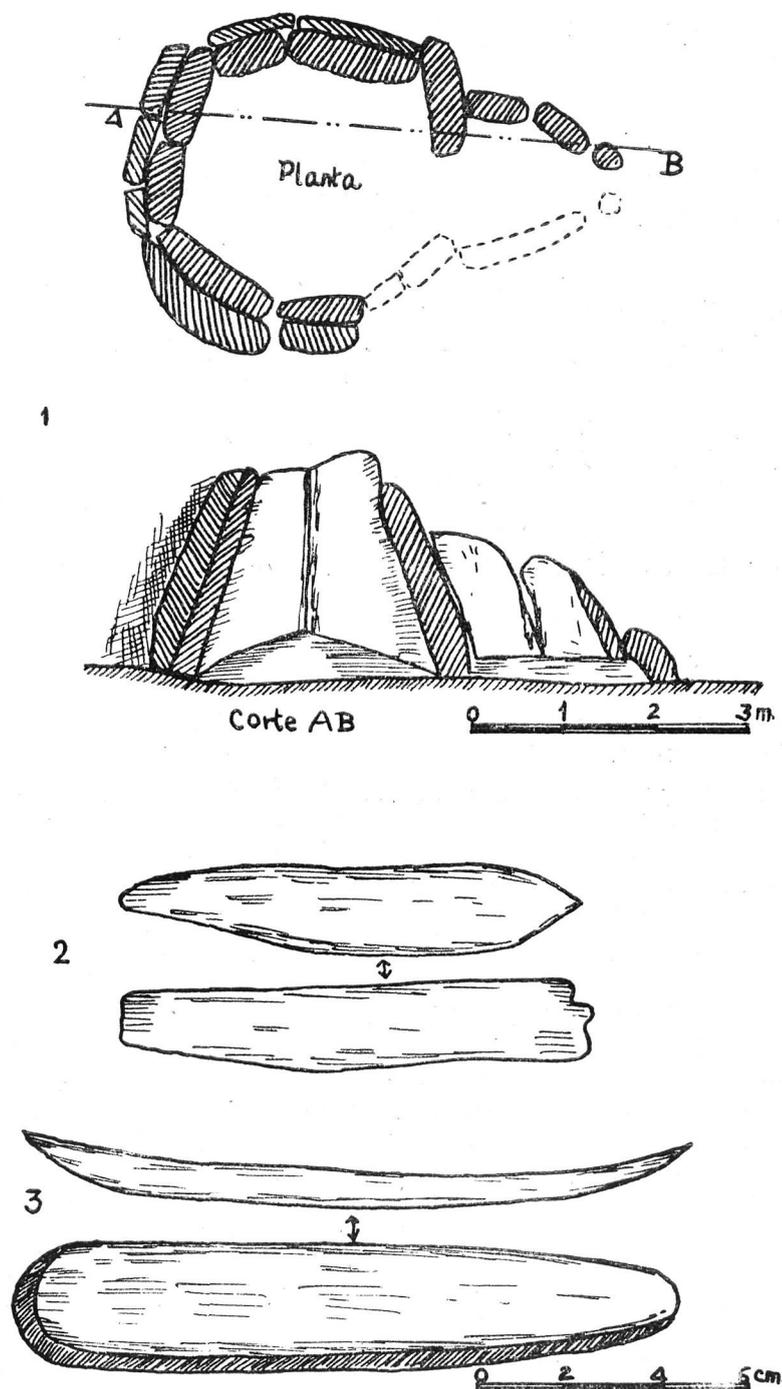


Fig. 2. — Alcalar: 1, Túmulo nº 1 em seu estado presente. — 2 e 3, Escropo e enxó de pedra pulida.

11.—Monumento nº 7, explorado por Estácio da Veiga. Vista da parte superior do corredor. A meio da fotografia destacam-se três grandes lajes da cobertura. Toda a pedra miuda ao redor é proveniente da parte superior da cupula agora destruída, e da mamoa que envolveu o túmulo.

12.—Monumento nº 7: Vista parcial da câmara, pela abertura originada na

destruição da parte superior da cúpula. Notar a potente laje colocada a maneira de lintel, no ponto em que o corredor desemboca na câmara, e ben assim uma parte da abóbada formada por pequenas lajes sobrepostas e escalonadas.

MONTE DA VARZEA (ALJEZUR)

Em virtude de certas informações recebidas, em 23 de Janeiro de 1933 dirigiu-se Formosinho a Aljezur, a fim de inspeccionar o sítio denominado Monte da Várzea, ao lado direito da estrada Lagos-Aljezur, cerca de um quilómetro antes da entrada da vila (Fig. 4).

O local preciso do achado é um terreno aluvial, com 5 metros de altitude média acima do leito da ribeira, dando-lhe os naturais o nome de Sítio da Canada, por transitar ali o gado, quando vai beber ao pequeno curso de água.

Tratava-se de um dólmen coberto pela respectiva mamoa, tudo destruído já, à chegada de Formosinho.

Por informações dos que assistiram ou tomaram parte na escavação, aplanamento do terreno e sua preparação para cultivo, o dólmen tinha orientação de NO-SE; o suposto pavimento da câmara estava de 1,40 m. a 1,60 m. abaixo do nível que então tinha a superfície do solo.

Não houve, portanto, possibilidade de se registar a planta do monumento.

Formosinho ainda viu alguns ossos esmigalhados, conseguindo recolher:

Um dente humano e pedacitos de outros.

Pequenos fragmentos de ossos cranianos.

Pequenina urna de barro vermelho e de fabrico grosseiro. Paredes muito espessas em relação ao tamanho da vasilha. Achava-se associada ao exemplar a seguir descrito. Alt. 0,053 m.; diâm. na boca, 0,070 m.; diâm. máx., 0,077 m.; espes., 0,0075 m. (Est. III, números 27 e 29; Fig. 4, nº 2).

Pequenina urna de fabrico grosseiro. Como a anterior, é feita sem emprego da roda de oleiro. Alt., 0,050 m.; diâm. na boca, 0,050 m. (Est. III, números 28 e 30; Fig. 4, nº 1).

Fragmento de grande faca de sílex. O pedaço representa a porção central. Retocada nos dois bordos. Comp., 0,077 m.; larg., 0,0315 m.; espes., 0,012 m. (Est. III, nº 23, à esquerda; Fig. 6).

Grande ponta de seta, de sílex. Falta-lhe uma das aletas. Alt., 0,041 m.; larg. na base, 0,020; espes., 0,003. (Est. III, nº 23; Fig. 6).

Fragmentos de barro que parecia mal cozido.

Em 20 de Março, tornou Formosinho ao local, mas não conseguiu descobrir vestígios de outros dólmenes. Em 7 de Outubro do mesmo ano, voltou à canada do Monte da Várzea, a fim de revistar as terras

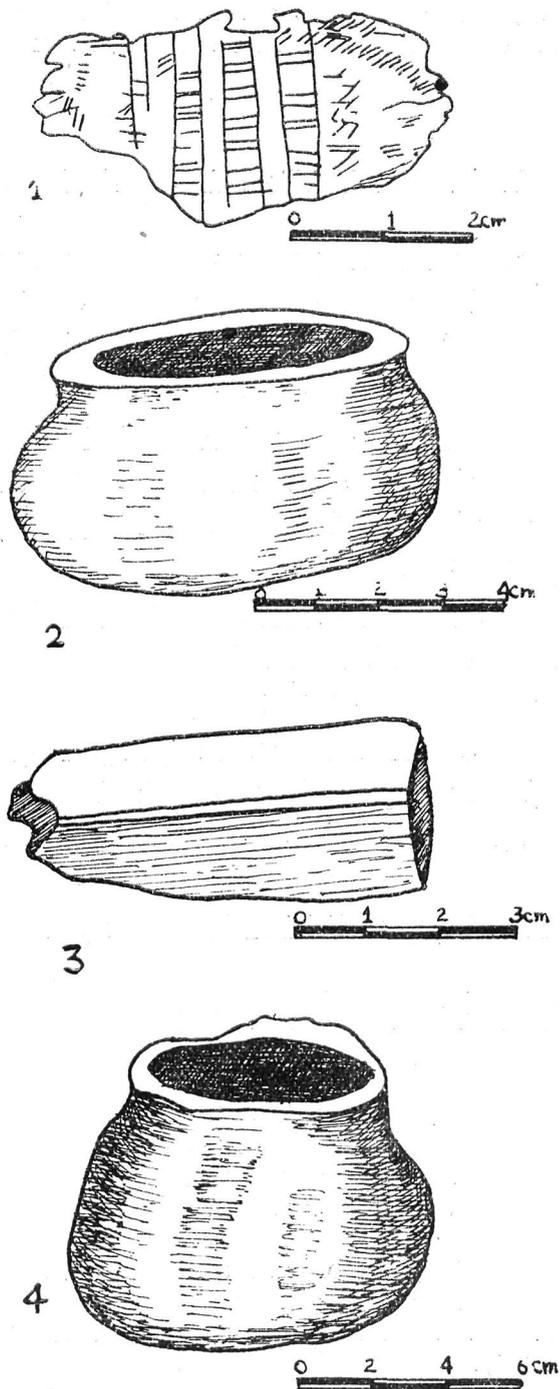


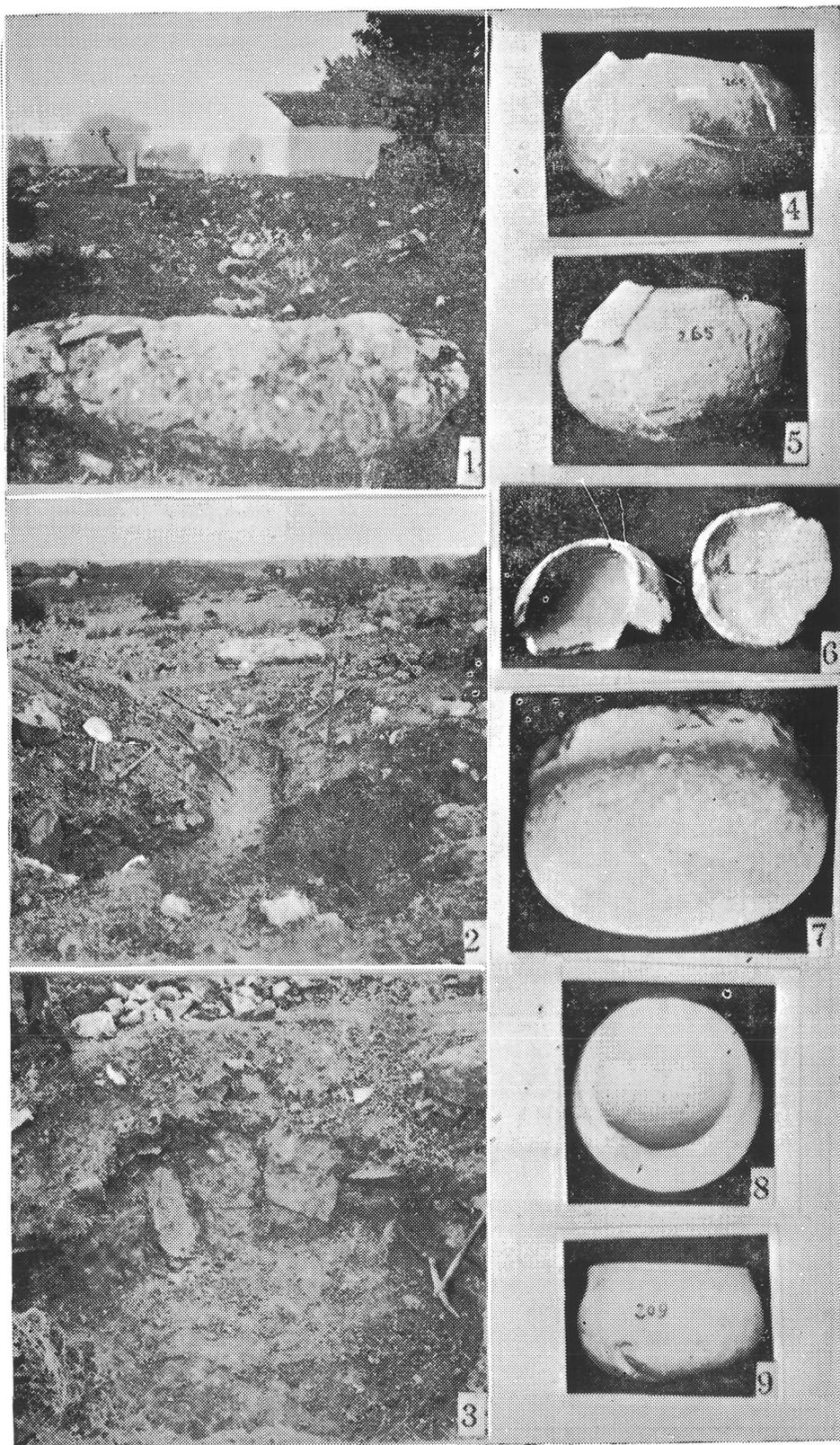
Fig. 3. — Alcalzar: 1, Laminazinha de ouro. — 2, Gral de pedra. — 3, Fragmento de faca. — 4, Urna de barro.

revolvidas na ocasião em que destruíram o monumento, e dessa pesquisa resultaram:

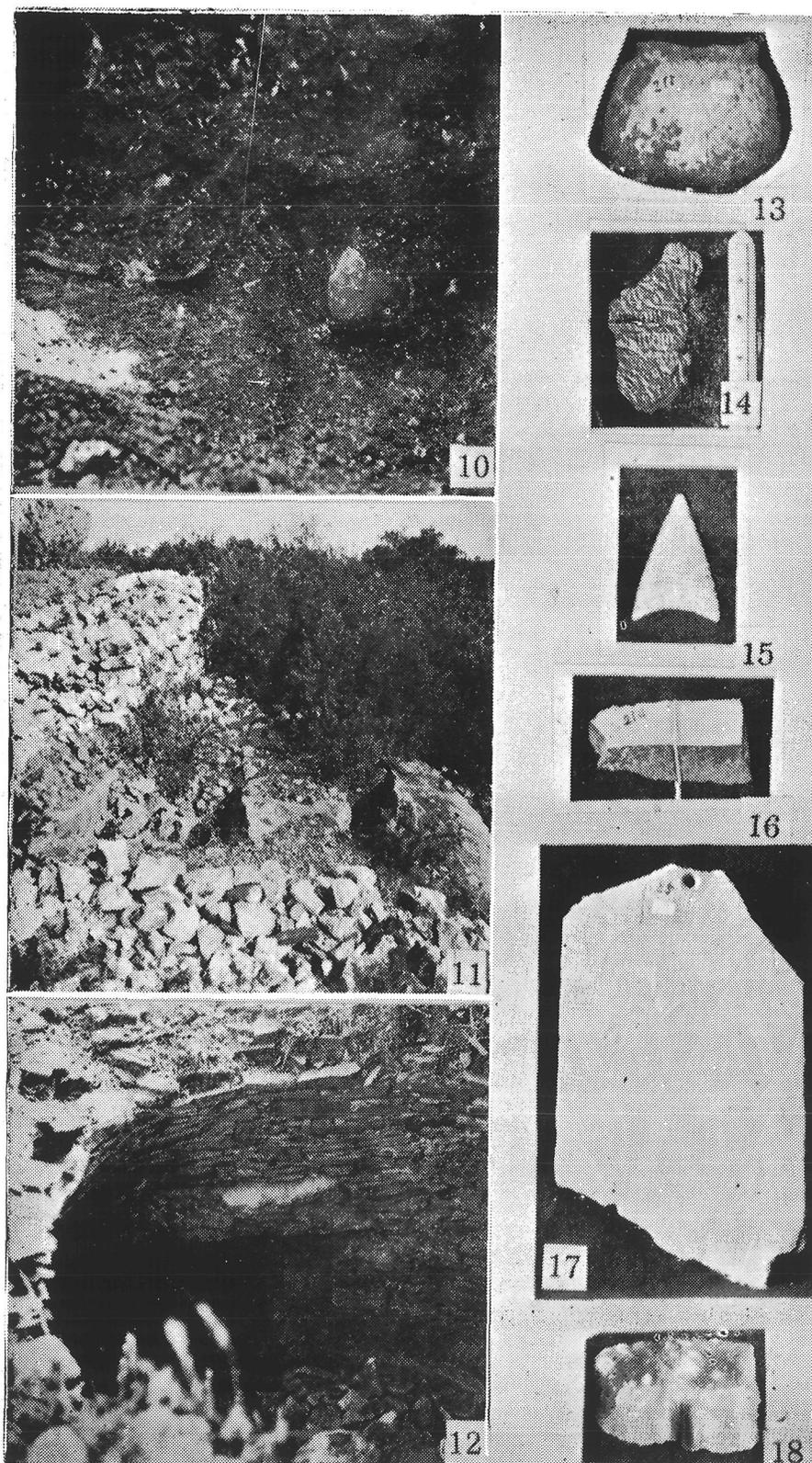
Três dentes humanos.

Vários fragmentos de ossos.

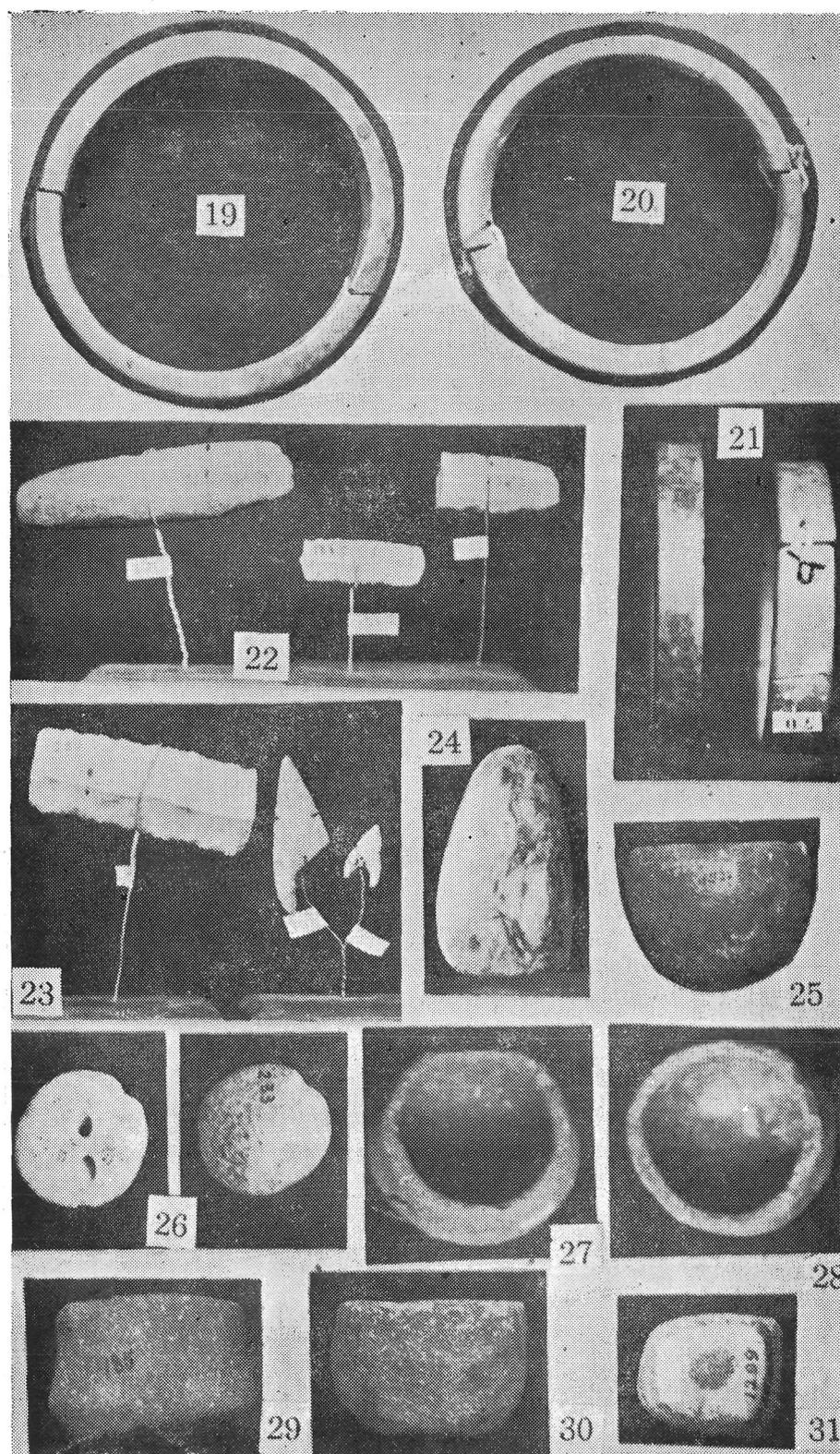
Um botão de osso, lenticular, plano-convexo, com dois orifícios na face plana,



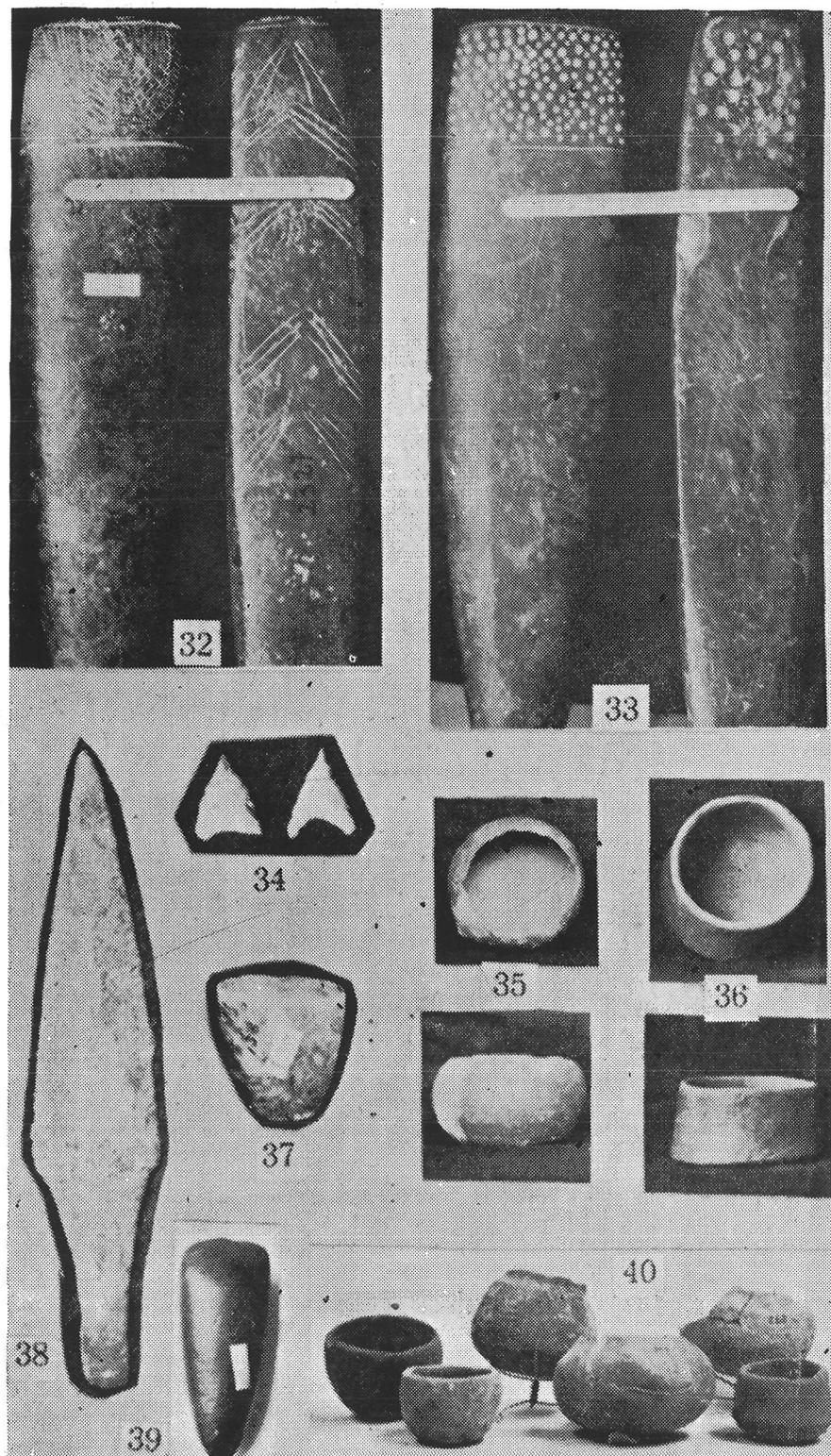
Alcalar: 1 a 3, aspectos do túmulo n.º 8.—4 a 6, cerâmica.—7 a 9, Graes de pedra.



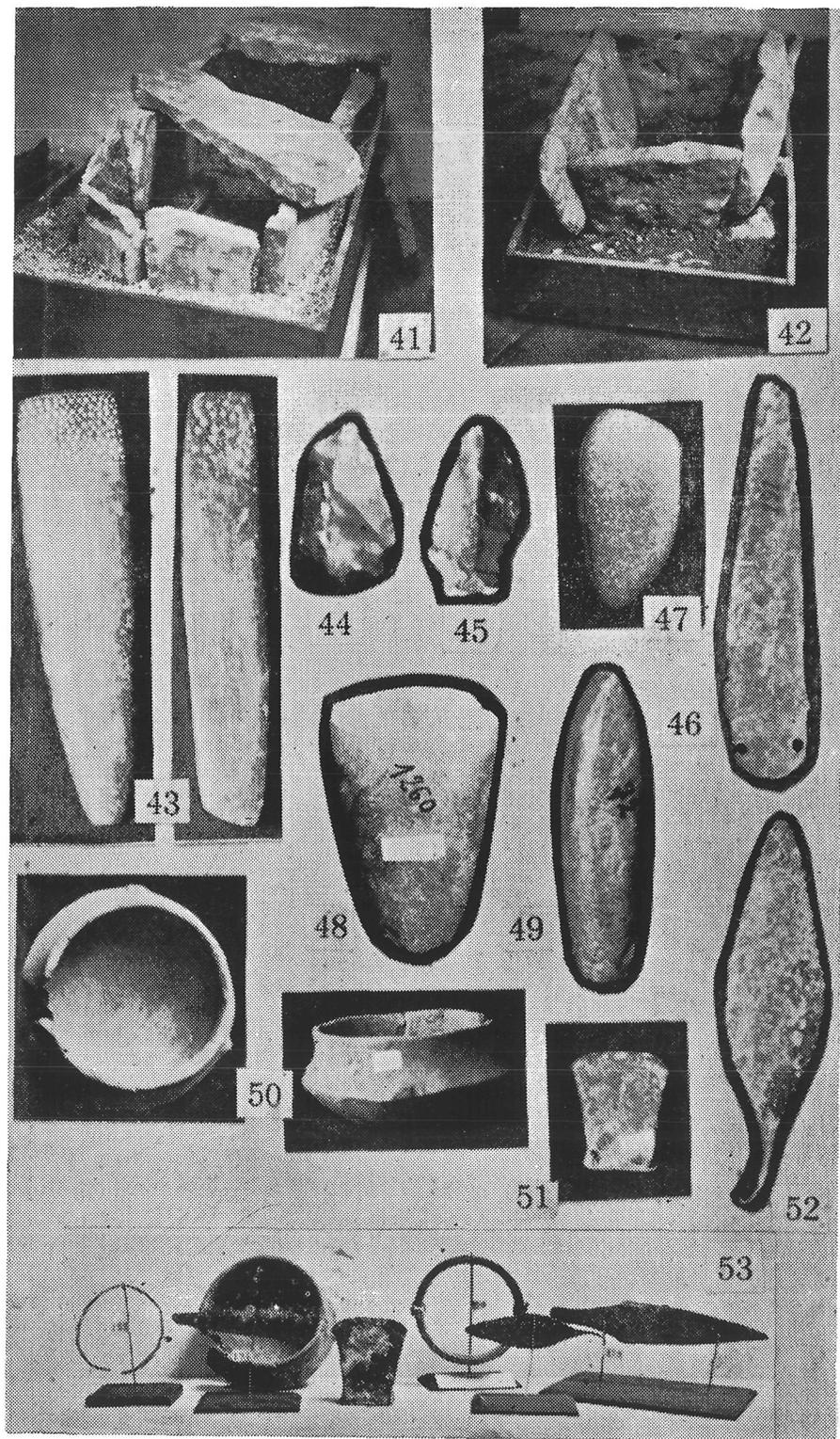
Alcalar: 10, Interior da câmara do túmulo n.º 8, vendose um cranio e outros ossos.
 11 e 12, Túmulo n.º 7 em seu estado actual.—14, Lâminazinha de oiro.—13, 15-18,
 outros objectos do túmulo n.º 8.



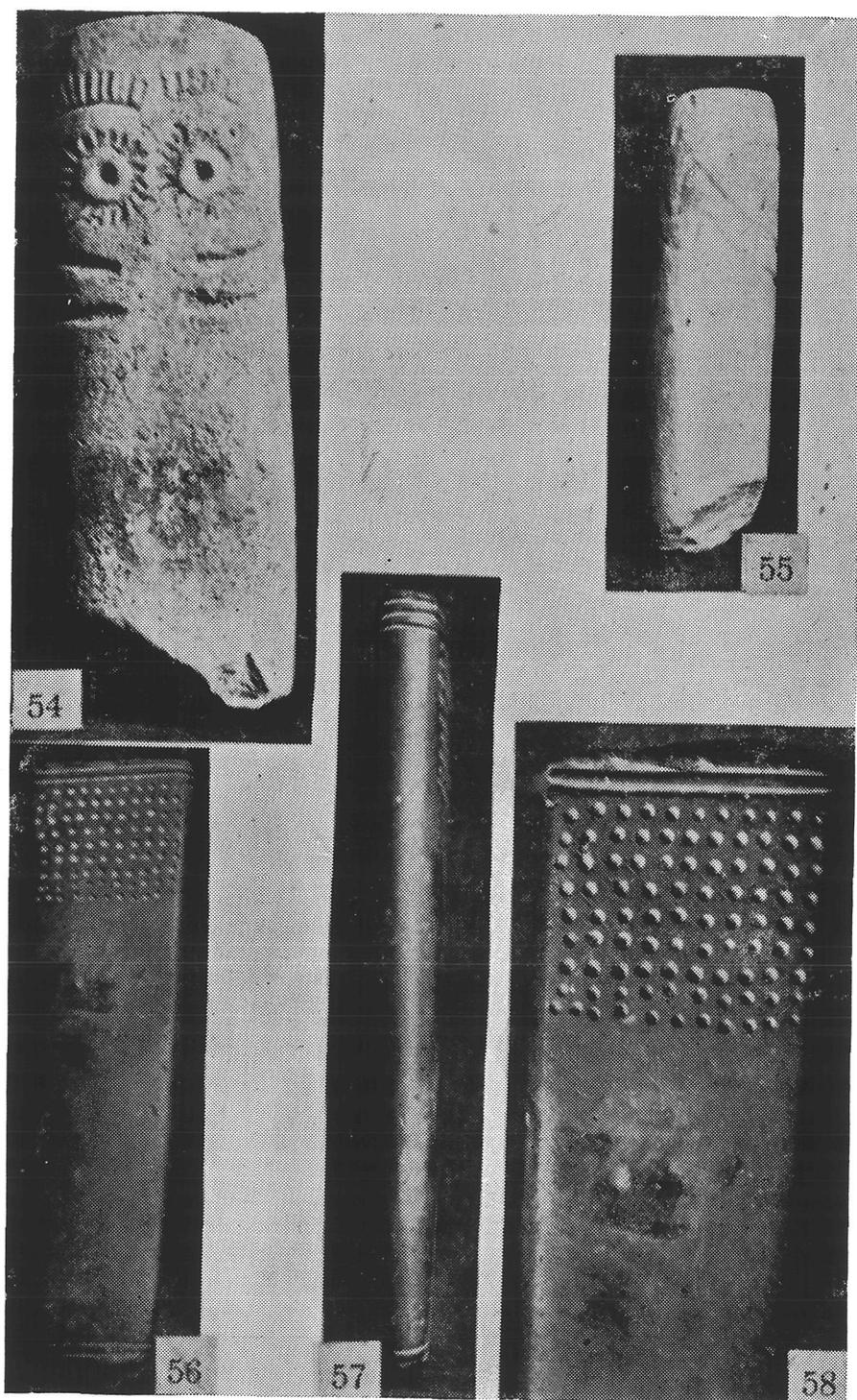
Braceletes de xisto e outros objectos do Museu Regional de Lagos.



32 e 33: Idolos do Serro do Moinho (à esq.) e das Lajes.—34 a 40: Varios objectos do Museu Regional de Lagos.



Uma das cistas do Monte do Cágado: 42, Uma das cistas de Almadeninha.—43, Idolos do Serro do Moinho (à exq.) e das Lajes (à dr.).—44 a 53, Objectos varios del Museu de Lagos.



54 e 55: Idolo de Moncarapacho.—56 a 58: Outro idolo do Museu Arqueológico de Faro.

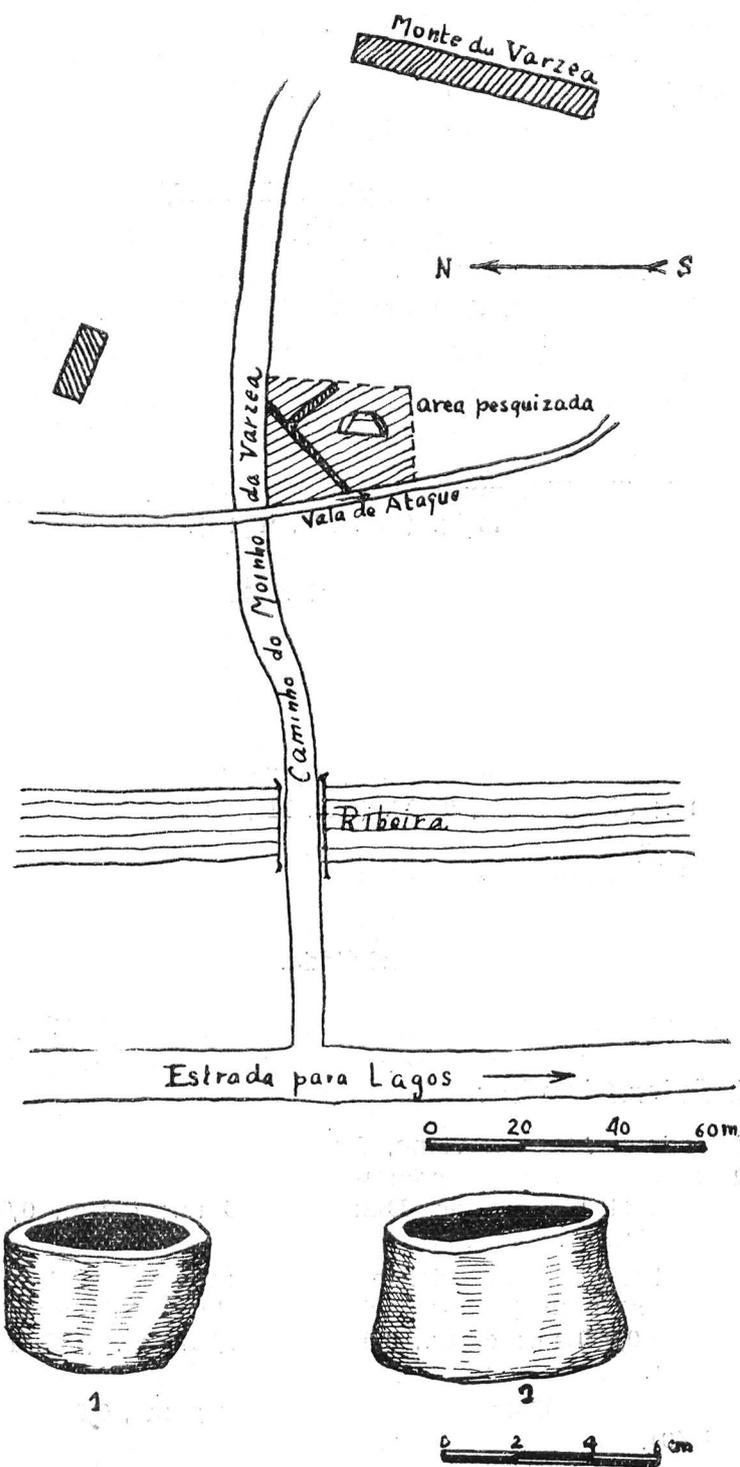


Fig. 4. — Estação do Monte da Várzea (Aljezur). — 1 e 2, Cerâmica.

convergindo em V, sem atingirem a face oposta. Diâm., 0,0245 m.; espes. 0,008 m. (Est. III, nº 26; Fig. 5, nº 4).

Fragmento de faca de sílex retocada em ambos os bordos. Faltam-lhe a base e a extremidade da ponta. Comp., 0,075 m.; larg., 0,030; espes., 0,005 m. (Est. III, nº 22, à direita; fig. 5, nº 3).

Ponta de seta, de calcedónia, muito retocada em toda a periferia. Alt. 0,0165 m.; larg. 0,013 m.; espes. 0,004 m. (Est. III, nº 23; Fig. 5, nº 1).

Um percutor-brunidor (não figurado).

Diversos fragmentos cerâmicos.

Como achados avulsos, de outros pontos de Aljezur, têm recolhido ao Museu Regional de Lagos:

Rogil:

Machado de fibrolite, muito bem pulido. Comp., 0,107 m.; larg. no gume, 0,061; espes., 0,030 m., a meio. (Est. III, nº 24).

Idolo-placa, de xisto, ornamentada com triângulos, em uma só face. Faltam-lhe bocados na parte superior e na inferior. Alt., 0,200 m.; larg. máx., 0,115 m.; espes., 0,005 m. (Est. II, nº 17).

Monte do Clérigo:

Pequena urna ultra semi-esférica, muito imperfeita. Alt., 0,071; diâm. na boca, 0,085 m.; diâm. máx., 0,096. (Est. III, nº 25).

Samoqueira:

Enxó de monchiquito, muito achatada. Comp., 0,078 m.; larg., 0,051 m.; espes., 0,015 m. (Est. V, nº 48).

De pontos indeterminados:

Bracelete de xisto moscoviano, formado por duas porções semi-circulares iguais que se ajustam e se ligam por meio de orifícios abertos nos topos. Secção transversal rectangular. Diâm., 0,0815 m.; espec., 0,060 m. (Est. III, nº 20 e 21, à direita).

Bracelete idêntico ao anterior e feito da mesma espécie de rocha, porém formando uma só peça (acha-se acidentalmente partido em duas partes quase iguais). Diâm., 0,089 m.; espes., 0,007 m. a 0,0075 m. (Est. III, números 19 e 21, à esquerda).

Escopro de sienito. Com., 0,093 m.; larg. no gume, 0,019 m.; espes. 0,020 m. (Est. V, nº 49).

Ainda em Aljezur, no sítio dos Arneiros, uns 450 metros da torre paroquial (Igreja Nova), segundo informações, apareceram muitas cistas de tipo argárico. Formosinho explorou aí uma área de 60 metros quadrados, por meio de valas em diversas direcções, descobrindo uma, somente, que não deu espólio.

ALMADENINHA

Fica este lugar a 1.500 metros OSO. de Almádena, freguesia de Budens, extrema do concelho de Lagos. Ao quilómetro 10 da estrada de Lagos a Sagres, deixando-se esta e seguindo uns 150 metros pelo caminho velho em direcção à Lontreira, encontra-se, à esquerda, um pequeno pocilgo. Aí, voltando-se à esquerda e prosseguindo mais ou menos 300 metros em direcção ao Sul, acha-se a casa de Francisco Nico (sítio de Almarjões).

Cem metros a Norte deste "monte", na propriedade de Domingos Maria, que da propriedade anterior está separada por caminho público, foram descobertas três cistas formadas por pequenas lajes de grés (Fig. 7).

Formosinho pôde observá-las, se bem que estivessem destroçadas pelos achadores. Os objectos recuperados foram:

Urna de tipo argárico, carenada. Alt., 0,049 m.; diâm. na boca, 0,092 m.; diâm. máx., 0,109 m. (Est. V, nº 50; Fig. 8).

Punhal de cobre, com dois orifícios na base, para cravação no cabo Comp., 0,099 m.; 0,021 m.; espes., 0,0015 m. (Est. V, nº 46; Fig. 8).

Machado de bronze, muito pequeno e relativamente espesso, conservando restos do alvado. Gume ligeiramente peltado. Comp., 0,061 m., larg. na base, 0,0365 m.; id. no gume, 0,0525 m.; espes. na base, 0,019 m. (Est. V, nº 51).

Bracelete de cobre, formado por um simples varãozito encurvado. Diâm., 0,057 m. (Est. V, na extrema esquerda do nº 53; Fig. 8).

Apuraram-se mais um dos três dentes humanos que foram encontrados, um maxilar inferior, parte de um crâneo (que se desfez) e um percutor de pedra (que não representamos).

Provenientes de outros pontos da região de Lagos, mas sem indicação das circunstâncias do achado, apontaremos as seguintes peças oferecidas ao Museu:

BENSAFRIM

Fonte Velha:

Machado de pedra, muito bem pulido, de rocha negra, talvez xisto anfibólico. Secção transversal circular. Comp., 0,100 m.; larg. no gume, 0,040 m.; espes. média, 0,035 m. (Est. IV, nº 39).

Enxó de fibrolite. Belo exemplar. Comp., 0,068 m.; larg., 0,022 m.; espes., 0,014 m. (Est. V, nº 53).

Serro do Moinho:

Idolo de xisto rijo, negro, com a forma aproximada de um grande machado de pedra pulida, de secção transversal elíptica. Na parte superior de uma das faces apresenta uma zona limitada em baixo e em cima por um fino sulco e preenchida por numerosas e pequeninas cavidades circulares, dispostas em linhas transversais paralelas, as inferiores mais ou menos imperfeitas

Na face oposta, igualmente limitada por linhas transversais, há idêntica zona, ocupada por sulcos muito finos, traçados muito ao de leve, dispostos de

modo tal que parece a configuração de uma teia de aranha. No topo, cuja forma é a de um gume tornado rombo por muito desgaste do fio, há uma cavidade, ou fenda, aberta em toda a extensão, tendo esta cavidade o feitio do perfil lateral de um machado de pedra pulida. Comp., 0,243 m.; larg. máx., 0,063 m.; espes. máx., 0,0265 m. (Est. IV, números 32 e 33, e Est. V, nº 43, em todas à esquerda. A Est. V, mostra a totalidade da peça).

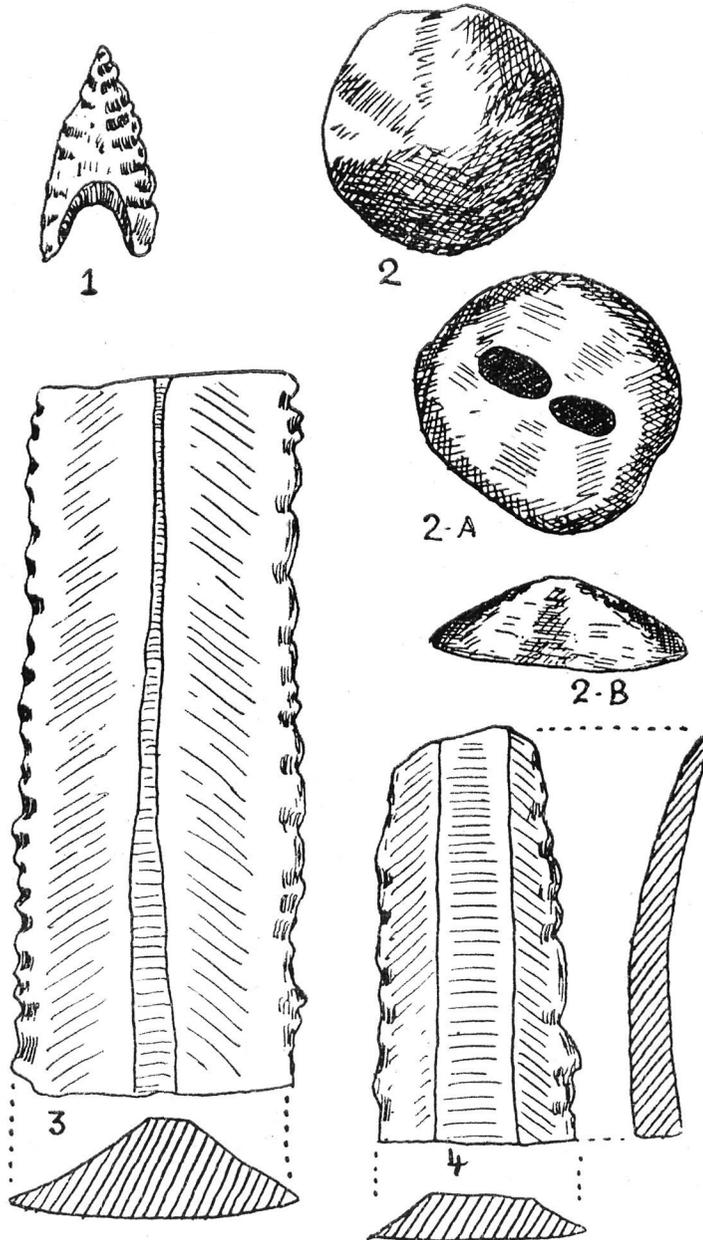


Fig. 5. — Monte da Várzea. — 1, Ponta de seta. — 2, Botão de osso. — 3 e 4, Fragmentos de serra de sílex.

Fronteira:

Pequenina enxó de fibrolite. Comp., 0,0415 m.; larg. no gume, 0,039 m.; espes., 0,015 m. (Est. IV, nº 37).

LUZ DE LAGOS

Lajes:

Peça idêntica à do Serro do Moinho. Um apontamento inseguro dá-o como achada no lugar de Lajes, da freguesia da Luz. A sua forma geral aproxima-se também, se bem que não tanto como a do outro exemplar, da de um grande machado de pedra pulida, mas de secção transversal rectangular, em vez de elíptica, qual a do outro.

Os dois terços superiores de uma das faces mostram grupos de sulcos dispostos em ângulo, com o vértice para cima, e rente ao topo dois sulcos transversais, paralelos. Na face oposta, vê-se uma faixa coberta de pequeninas cavidades circulares, como no exemplar de Bensafirim, porém de execução mais grosseira, dando a ideia de que o autor deste objecto pretendeu dispô-las em círculos concêntricos. Comp., 0,204 m.; larg. máx., 0,0465 m.; espes. máx., 0,026 m. (Ests. IV, numeros 32 e 33, e V, nº 43, à direita).

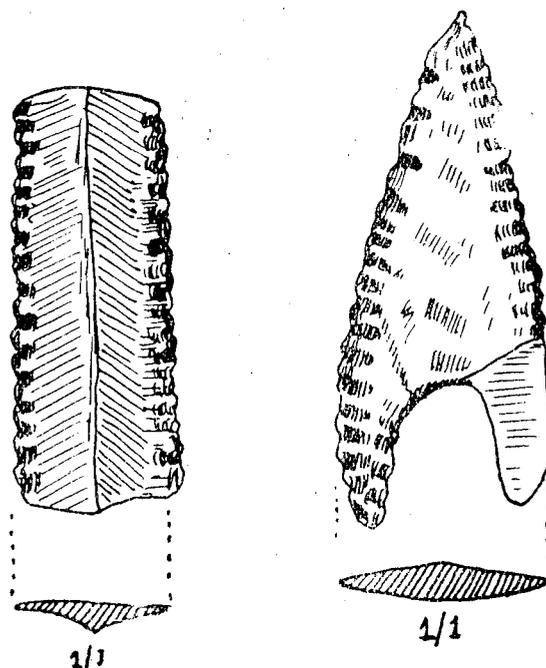


Fig. 6. — Monte da Várzea: Ponta de seta e fragmento de serra, se s'lex.

ALVOR

Pequenino machado de xisto zonado, anfibólico. Comp., 0,0435 m.; larg., 0,037 m.; espec., 0,023. (Est. III, nº 31).

SAO SEBASTIAO DE LAGOS

Caldeiroa:

Pequena lança de bronze, com pedúnculo de encabamento. A extremidade do longo espigão acha-se encurvada. Comp., 0,0965 m.; larg., 0,024 m.; espes., 0,002 m. (Est. V, nº 52; Fig. 9).

Fragmento de machado de pedra pulida. Comp., 0,125 m.; larg. máx., 0,060 m.; espes., 0,040 m. (Fig. 9).

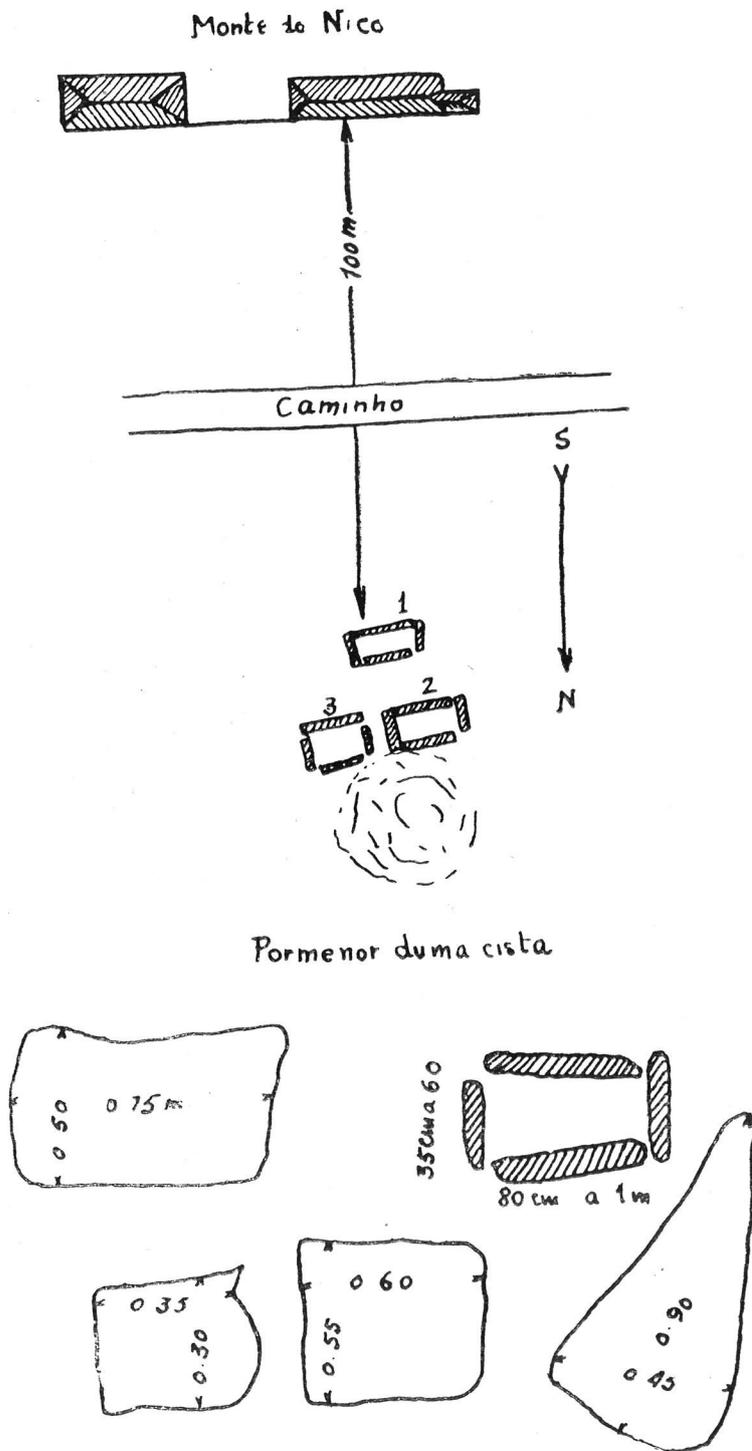


Fig. 7. — Cistas argáricas de Almadeninha.

Na Est. IV, nº 36, apresentamos uma das urnas de tipo argárico provenientes das necrópoles das Caldas de Monchique.

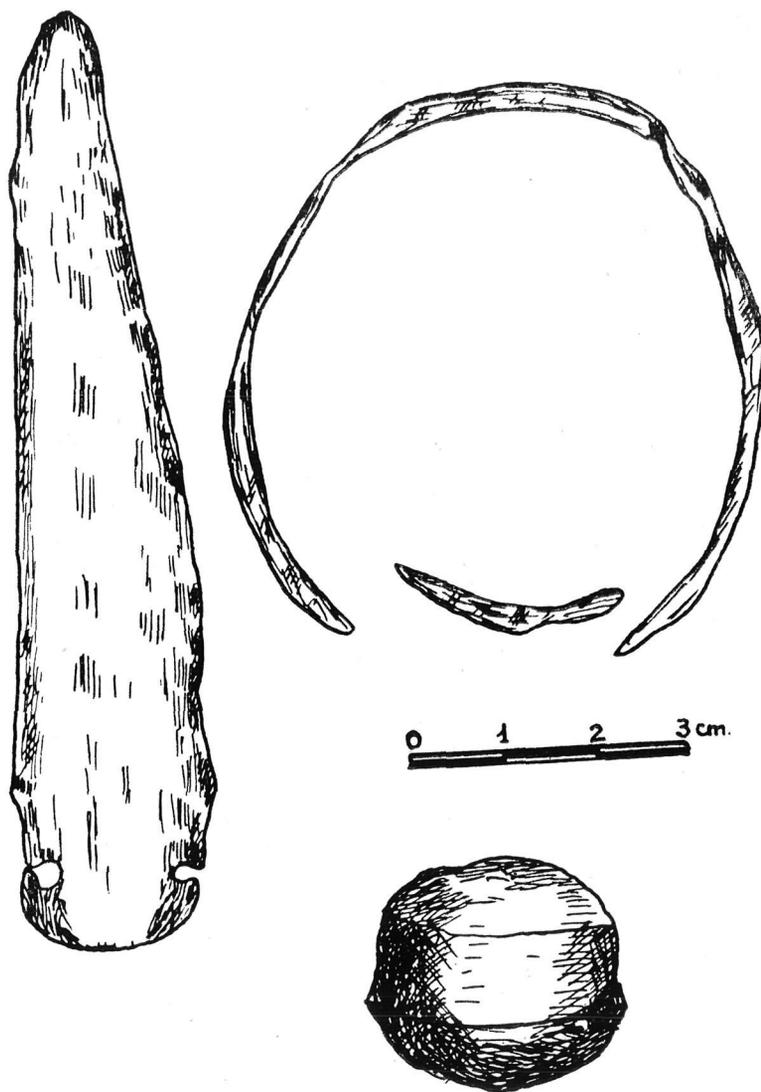


Fig. 8. — Almadeninha: Punhal, bracelete (de bronze) e vasilha.

Dos objectos atrás descritos salientaremos aqueles de que vamos tratar com mais detenção.

Um dos novos túmulos de Alcalar forneceu um pequeno objecto de ouro. Não passa, infelizmente, de reduzido fragmento de uma joia cuja forma, segundo nos parece, devia ser a de um diadema.

Do monumento nº 4 inventariou Estácio da Veiga dois reduzidos pedacitos de ouro, em seu entender, pertencentes à mesma peça

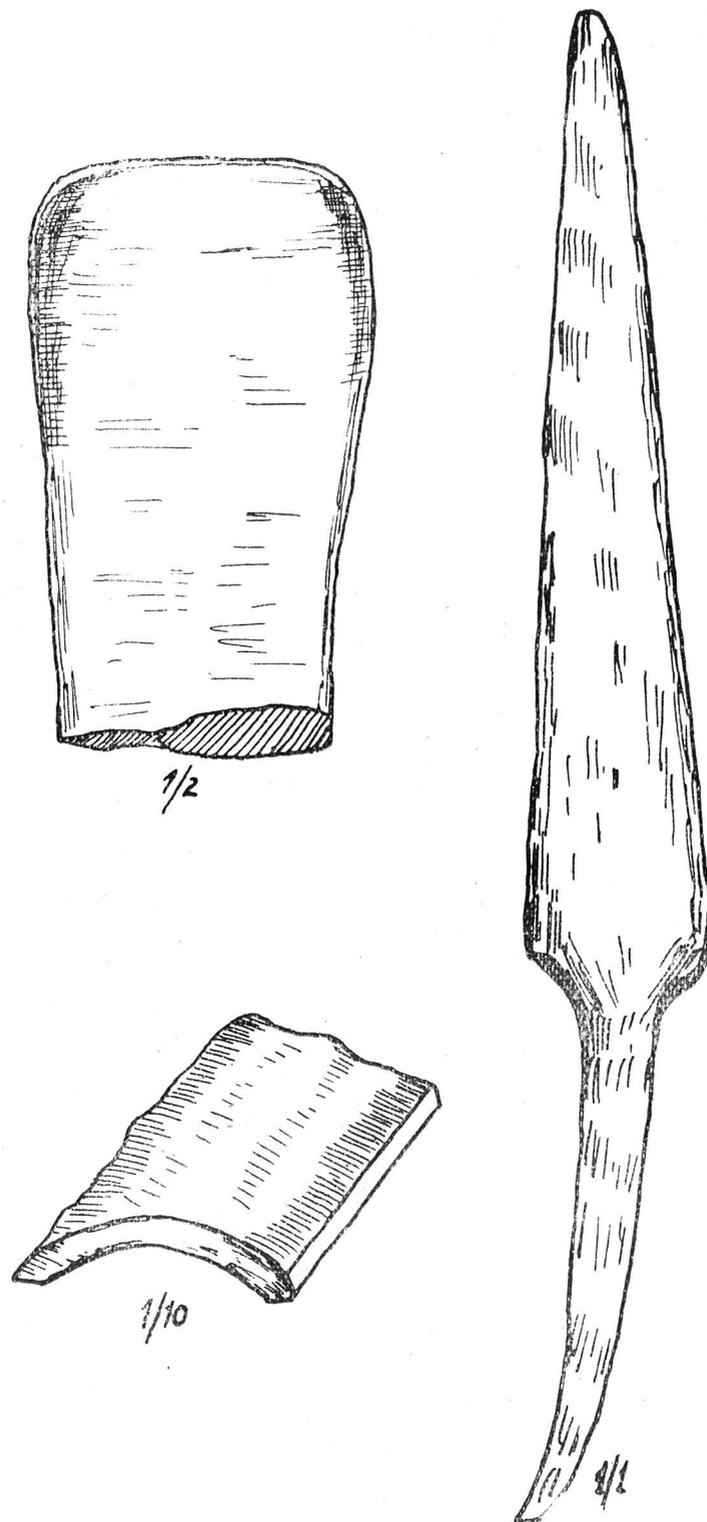


Fig. 9. — Caldeiroa: Fragmento de machado de pedra e ponta de lança de cobre.

adornativa. Um deles é uma laminazinha rectangular, de oiro batido, como que parte de uma fita completamente lisa. O outro apresenta contorno recortado em zigue-zague e debruado por uma linha em relevo; tem a superfície coberta por linhas mais ou menos paralelas e entrecruzadas em ângulo recto, obtidas por meio de punção.

Observa Estácio: a tenuidade destas lâminas suscita a ideia de que fossem ligadas a uma tira de pele, para se poderem usar como bracelete ou como adorno do cabelo. Admite, ainda, a hipótese de terem servido de guarnição de vestuário.

A laminazinha do monumento nº 8, simples retalho muito irregular de objecto primitivo, é também extremamente delgada; só por si, esta fita metálica não podia oferecer a necessária resistência para ser usada como diadema, ou como bracelete. Conforme se vê na Fig. 3, o ornato, muito rudimentar, compõe-se de simples linhas paralelas, obtidas a punção, ligadas duas a duas por meio de pequeninos segmentos transversais.

O botão de osso do Monte da Várzea (Est. III, nº 20; Fig. 5: 2, 2-a e 2-b) condiz com os abundantes espólios dos tempos iniciais do Bronze, predominantes na pré-historia da região de Aljezur. Não nos lembra notícia de outros do mesmo formato achados em Portugal.

O mesmo diremos dos braceletes de xisto, igualmente aljezurense (Est. III, 19, 20). Um deles é inteiriço, embora presentemente se encontre fragmentado; o outro é constituído por dois segmentos aproximadamente iguais, com um furo em cada extremidade, a fim de serem ligados.

Uma publicação recente (3) dá como conhecidos em França cerca de 140 pulseiras de xisto, entre inteiras e fragmentos, com excepção de uma, que é de diorite. Dez, todos fragmentados, provêm de um fundo de cabana achado em Ecures (Loir-et-Cher) (4). São de xisto argiloso, predominando os de xisto ardosiano.

Valerá ainda citar os exemplares de Villejuif, muito semelhantes aos de Aljezur (5).

De Espanha ocorre-nos citar o de Alicante, feito de mármore

(3) GERARD CORDIER. *Anneau-disque de Sublaines (Indre-et-Loire)* in *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome XLVII, Paris, 1950, pág. 542.

(4) L. FARDET. *Fouille d'un fond de cabane à Ecures, près Ouzain (Loir-et-Cher)*, in *Bul. de la S. P. F.*, Tome XLIV (1947), pág. 350.

(5) ED. GIRAUD, *L'industrie néolithique de Villejuif. Fort des Hautes-Bruyères (Seine)*, in *Bul. de la S. P. F.*, Tome XL (1943), pág. 107. ests. IX e X.

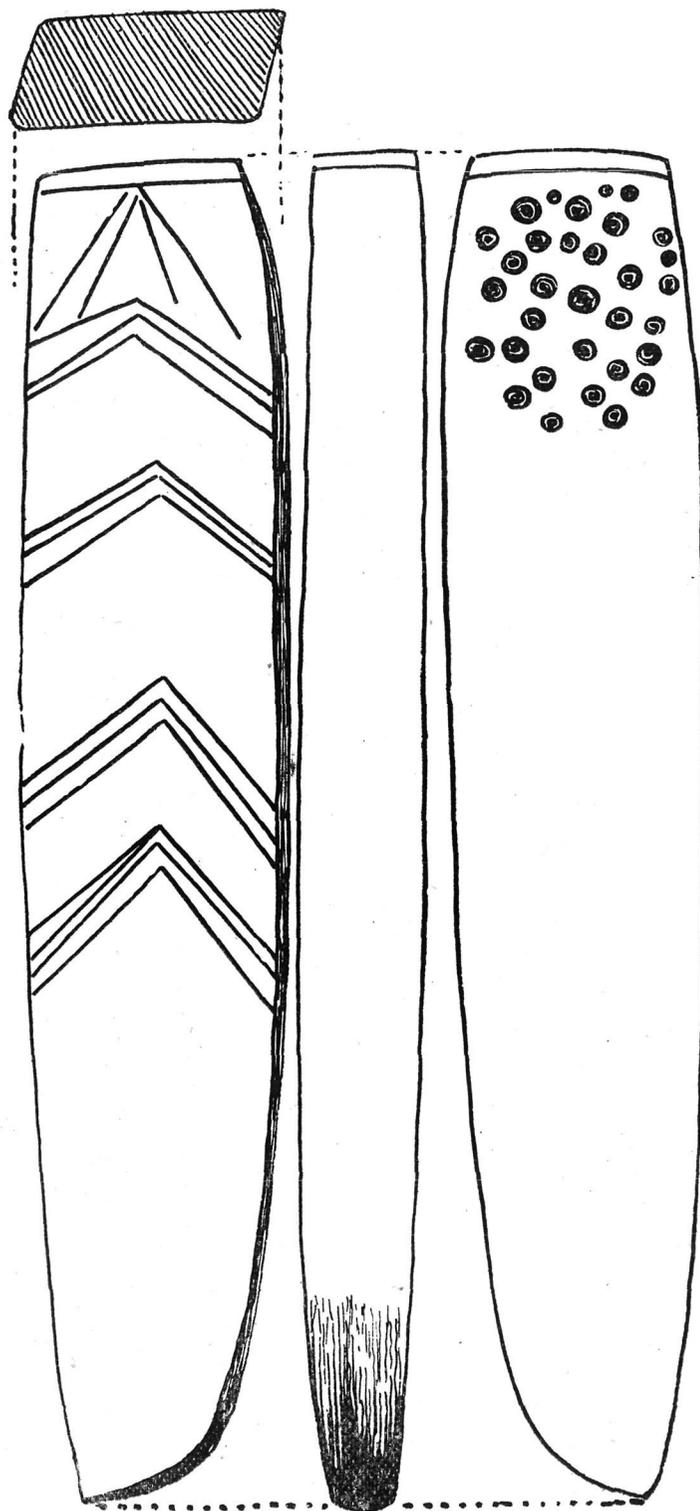


Fig. 10. — Idolo do Serro da Moinho (Bensafrim).

branco (6) e os da Cueva de La Sarsa, em número dezasseis fragmentos de exemplares diversos, quase todos não inteiriços e com orifícios de ligação (7).

Julgamos haver um, de xisto, no espólio da Cueva Tapada, de Torremolinos (Málaga), publicado por Simeón Gimenez Reyna (8).

A Cueva de la Sarsa é, segundo San Valero, uma estação do Neolítico puro, e o mesmo autor inclui os braceletes de mármore entre os indícios comuns às culturas saariana e mauritânica, presentes no Ibero-saariano e no Hispano-mauritânico.

Alguns investigadores franceses, como André Glory, averiguaram que estes braceletes tiveram longo uso desde o Neolítico, nesta idade fabricados de nefrite, jadeite, serpentina e outras rochas então consideradas preciosas, passando pelo Bronze, em que a matéria prima empregada foi o xisto, até à Idade do Ferro (Hallstatt), em que o xisto foi substituído pela lenhite (9).

Resta-nos dizer mais algumas palavras sobre as duas peças representadas na Est. IV, 32 e 33; Est. V, 43, e Figs. 10 e 11. A fotografia número 43 tem por fim mostrar as duas peças na totalidade da sua forma geral, ao passo que nas outras pretendemos salientar pormenores dos desenhos gravados.

São ambos de xisto riço, negro, perfeitamente pulido. Para melhor percepção dos pormenores, apresenta-mo-los também nas Figs. 10 e 11.

A sua descrição acha-se feita já nas páginas atrás. Estes objectos filiam-se na bem conhecida e numerosa série de idolos ditos cilíndricos, embora muitas vezes, como no caso presente, se afastem bastante de tal forma geométrica.

Os mais semelhantes aos do Museu de Lagos, quanto à forma geral, são os de São Martinho de Sintra, grutas de Palmela, Folha de Barradas (um de cada estação) e, de certo modo, os do Tojal de Vila Chã (Carenque).

O Museu Arqueológico de Faro possui um magnífico exemplar

(6) JOSE BELDA. *Un yacimiento de material lítico en Torremanzanas (Alicante)*, in *Actas y Memorias de la Soc. Esp. de Arq., Etnog. y Prehistoria*, Tomo XIX (Madrid, 1944), págs. 126.

(7) JULIAN DE SAN VALERO APARISI. *La Cueva de la Sarsa*, Valencia, 1950, pág. 38, fig. 11.

(8) S. G. REYNA. *Arqueologia da Provincia de Muragu hasta 1946*, in *Inf. y Mem. nº 12*, Madrid, 1946, pág. 2. Lám. VIII.

(9) Vid. ABBÉ ANDRÉ GLORY. *Les disques-bracelets d'Alsace*, in *Bul. de la S. P. F.*, Tome XLV (1948), págs. 174-179, con abundante bibliografia sobre o assunto.

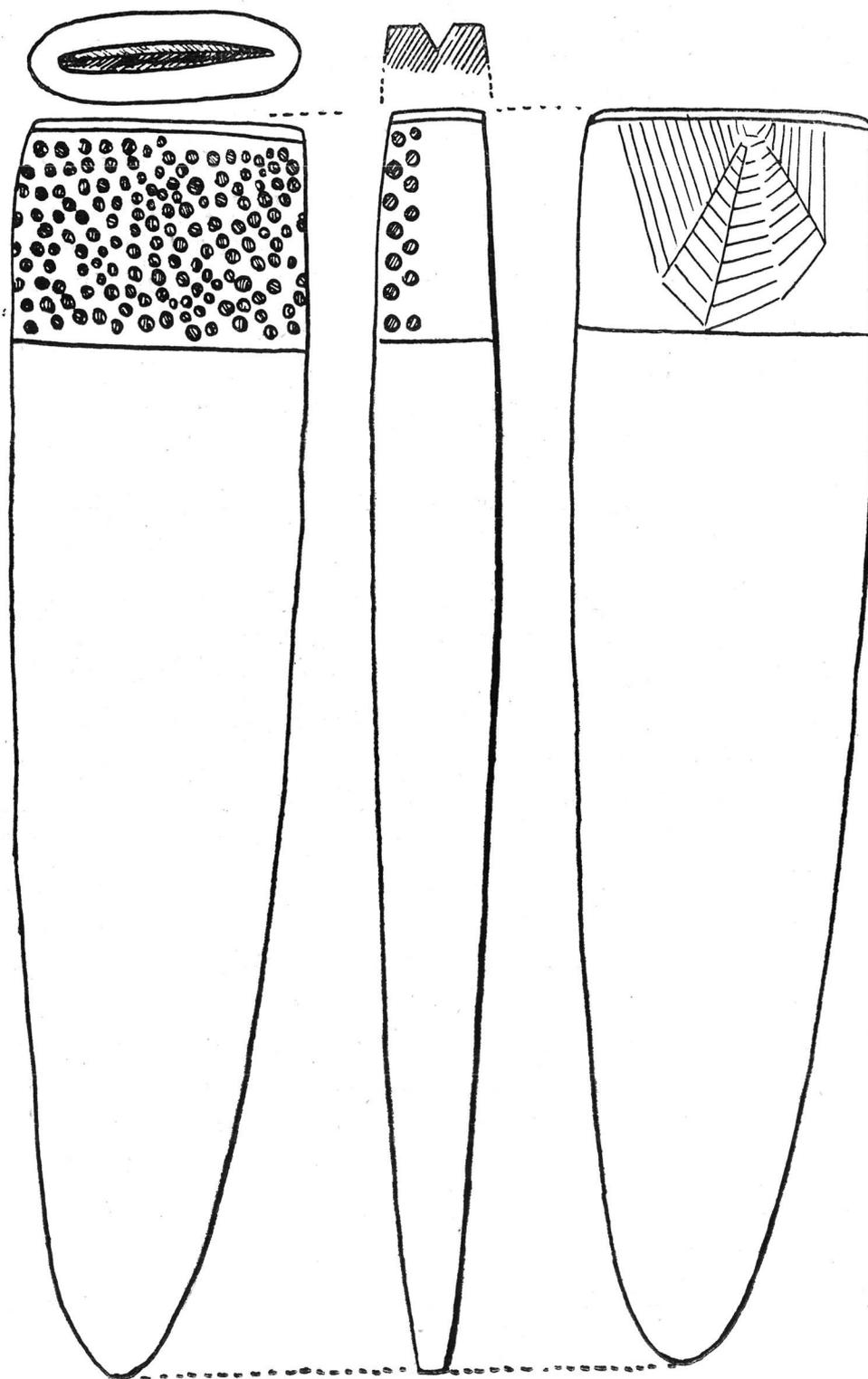


Fig. 11. — Idolo das Lajes (Luz de Lagos).

proveniente da aldeia de Moncarapacho, no concelho de Olhão. E de calcário branco e tem sido publicado umas vezes com indicação de sua procedência exacta, outras vezes dando-o simplesmente como do Algarve (10). Está mutilado na parte inferior e tem as seguintes dimensões: Comp. actual, 0,150 m.; larg. máx., 0,056 m.; espes. máx., 0,038 m. (Est. VI, 54 e 55.)

Há no Museu de Faro outro exemplar, menos conhecido, o qual para nós assume particular interesse, por ser muitíssimo parecido com um dos do Museu de Lagos (Est. VI, 56, 57 e 58).

E também de xisto negro, apresenta idênticos perfis transversal e longitudinal e àquele quase se iguala nas dimensões, pois mede 0,224 m. de comprimento, por 0,062 m. de largura máxima e 0,020 m. de espessura. Mostra ornato de covinhas, em uma só das faces, e o topo inferior, em vez de ter contorno ovalado, termina em corte recto.

Publicado por alguns dos nossos arqueólogos, estes não indicam a sua proveniência (11). O objecto pertence, todavia, ao núcleo inicial, do Museu, lendo-se atentamente o catálogo de Pereira Botto, publicado em 1899, de pág. 7 até às linhas finais da pág. 10, pode chegar-se unicamente à suposição de que foi oferecido por Manuel de Bivar Weinholtz, com vária cerâmica romana e um machado de pedra pulida, tudo proveniente de Messines e dos arredores de Faro. Não deve restar dúvida, porém, de que o exemplar foi descoberto no Algarve (12).

Aqui damos finda esta sucinta resenha acerca de objectos da Idade do Bronze achados no Algarve e pertencentes ao Museu Regional de Lagos, cuja vulgarização se nos a figura útil ao conhecimento da arqueologia peninsular.

(10) J. LEITE DE VASCONCELOS. *O Archeólogo Português*, vol. VIII (Lisboa, 1903), pág. 171. MARIO LYSTER FRANCO. *Moncarapacho*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. AARAO DE LACERDA. *Historia da Arte em Portugal*, vol. I (1942), pág. 24. Etc. VERGILIO CORREIA, en *El Neolítico de Pavia*, apresenta, sob os números 3 e 4 da Fig. 76, três desenhos que supomos representarem duas interpretações gráficas do mesmo e único idolo cilíndrico de Moncarapacho.

(11) J. LEITE DE VASCONCELOS. *O Archeólogo Português*, vol. XXIII, pág. 110, e *De terra em terra*, vol. II, pág. 245, Fig. 195. VERGILIO CORREIA. *El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*, *Mem. nº 27 do Bol. da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas*, Madrid, 1921, Fig. 78.

(12) MONSENHOR CÔNEGO BOTTO. *Glossario critico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*, Faro, 1899.